



BOLETIM MENSAL DO ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS

SETEMBRO DE 2024

CCDR

NORTE



INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
STATISTICS PORTUGAL

Divisão de Programas e Avaliação
Divisões Territoriais da CCDR Norte

Projeto realizado sob supervisão do Instituto Nacional de Estatística

NOTA PRÉVIA

O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal supervisionado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) que, desde 1945, disponibiliza informação de carácter previsional, relativamente a áreas, produtividades e produções globais das principais culturas, ao nível geográfico do Continente. Desde o passado dia 1 de janeiro, na Região Norte, a recolha de informação é efetuada pelos técnicos da CCDR Norte distribuídos pelo território, sobretudo das quatro divisões territoriais do Minho, Porto e Douro, Trás-os-Montes e Alto Douro, sob coordenação da Divisão de Programas e Avaliação.

A necessidade da tomada de decisões políticas e económicas a curto prazo, especialmente no contexto específico do setor agrícola, não se coaduna com o tempo de espera por dados obtidos por meio de inquéritos ou de organismos de intervenção económica. Este requisito tem sido cada vez mais evidente nos últimos anos, em consequência do aumento dos efeitos das alterações climáticas. A ocorrência mais frequente de períodos de seca prolongada e eventos meteorológicos extremos requerem uma monitorização contínua do ECPC.

Mensalmente, a CCDR Norte produz este boletim que remete para o INE. Por sua vez, este Instituto, procede à agregação e tratamento da informação a nível do continente, bem como de informação administrativa que se encontre disponível à data, e integra-a no Boletim Mensal de Agricultura e Pescas ([INE](#)) que fornece uma visão geral do setor no Continente.

Antes da sua integração nas CCDRs, as Direções Regionais de Agricultura e Pescas foram responsáveis pela monitorização do ECPC durante mais de trinta anos. A coleta de dados era realizada em áreas designadas por "zonas de observação". Estas zonas eram originalmente definidas com base na homogeneidade edafoclimática e coincidiam administrativamente com as então Zonas Agrárias. No entanto, devido a várias reestruturações nos serviços descentralizados do Ministério da Agricultura, as zonas de observação perderam a sua correspondência administrativa. Embora tenha persistido alguma uniformidade no comportamento das culturas nos concelhos de cada zona de observação, o modelo de coleta de dados tornou-se desajustado em termos administrativos.



ZONAS HOMOGÉNEAS

Neste contexto e aproveitando a oportunidade proporcionada pelo Recenseamento Agrícola de 2019 (RA 2019), optou-se por realizar toda a coleta a nível de concelho. Esta mudança facilita a agregação geográfica da informação, nomeadamente por zona de observação (mapa), NUTS III e Sub-Região Agrária.

SIGLAS

CCDR-N	Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte, I. P.;
EDM	Região Agrária do Entre Douro e Minho;
INE	Instituto Nacional de Estatística;
IPMA	Instituto Português do Mar e da Atmosfera
TM	Região Agrária de Trás-os-Montes

ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS

Divisão de Programas e Avaliação

Lugar de Codessais - Vila Real

5000-421 - VILA REAL, PORTUGAL

☎ + 351 27 826 09 00 ✉ dsce.dpae@drapnorte.gov.pt

<https://drapnsiapd.utad.pt/sia/Estado-das-Culturas>

Capa: Pérgula com kiwis, Telões - Amarante
Foto por: Joaquim Moreira

Resumo

As temperaturas registadas durante as primeiras semanas do mês de setembro situaram-se ao nível dos valores normais para a época, mas a precipitação ficou muito aquém do que seria expectável. Se por um lado este fator foi favorável a todas as colheitas realizadas ao longo desse período – contribuindo para o aumento da qualidade e da longevidade dos produtos – por outro trouxe consigo as complicações associadas aos graves incêndios rurais e às quebras acentuadas do nível das albufeiras de aproveitamento agrícola.

Setembro foi um mês de vindimas, colheita de milho grão, amêndoa, maçãs e peras, figos, kiwis e outras fruteiras. Também foi o mês em que se plantaram as couves para o Natal e em que as castanhas começaram o seu processo de maturação.

No último decêndio do mês ocorreram, um pouco por toda a região Norte, chuvas intensas acompanhadas por ventos fortes (que chegaram a atingir os 70km/h) e que causaram estragos elevados, paralelos aos provocados pelos incêndios.

A alimentação e o abeberamento dos animais estão assegurados, graças às boas produções de cereais e forragens obtidas este ano e às reservas hídricas existentes.

Tornam-se recorrentes e transversais as queixas dos agricultores – um pouco por toda a região Norte – acerca dos prejuízos causados pelo aumento significativo das populações de javali. Cada vez mais se aproximam das povoações e das parcelas agrícolas, destruindo sementeiras, árvores (oliveiras, amendoeiras, castanheiros, ...) e arbustos de fruto, para além dos estragos que provocam nos terrenos, quando escavam à procura de humidade e alguns organismos (minhocas e outros).

Índice

1	<i>Estado do tempo e sua influência na agricultura</i>	5
1.1	Entre Douro e Minho	5
1.2	Trás-os-Montes	7
2	<i>Fitossanidade</i>	12
2.1	Entre Douro e Minho	12
2.2	Trás-os-Montes	14
3	<i>Cereais Praganosos para grão</i>	15
3.1	Entre Douro e Minho	15
3.2	Trás-os-Montes	15
4	<i>Milho de Sequeiro e Regadio)</i>	16
4.1	Entre Douro e Minho	16
4.2	Trás-os-Montes	17
5	<i>Leguminosas secas – Feijão</i>	17
6	<i>Batata</i>	18
6.1	Entre Douro e Minho	18
6.2	Trás-os-Montes	18
7	<i>Fruticultura</i>	19
7.1	Entre Douro e Minho	19
7.2	Trás-os-Montes	22
8	<i>Vinha</i>	32
8.1	Entre Douro e Minho	32
8.2	Trás-os-Montes	34
9	<i>Olival</i>	38
9.1	Entre Douro e Minho	38
9.2	Trás-os-Montes	39
10	<i>Prados, pastagens e culturas forrageiras</i>	41
10.1	Entre Douro e Minho	41
10.2	Trás-os-Montes	42
11	<i>Tabelas com previsões das áreas semeadas, das produtividades e estimativas da produção</i>	45

1 Estado do tempo e sua influência na agricultura

1.1 Entre Douro e Minho

Na Região agrária do Entre Douro e Minho, o mês de Setembro apresentou-se ligeiramente mais seco que a normal e com temperaturas próximas da normal. Contudo, houve uma grande variabilidade ao longo do mês, com os primeiros decénios a serem quentes e extremamente secos e o último a ser muito chuvoso, com descida muito acentuada da temperatura média (Figura 1).

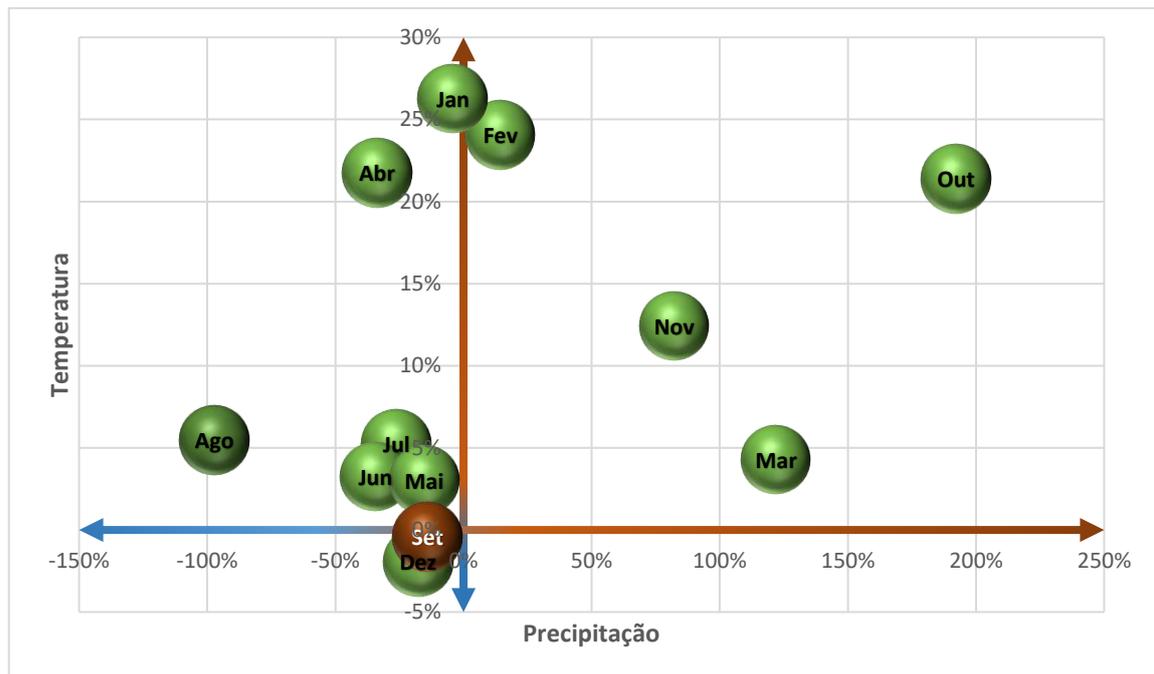


Figura 1. Desvio relativo da temperatura média do ar e da precipitação acumulada no Entre Douro e Minho durante os últimos 12 meses, face às normais climatológicas (1971-2000).

A ocorrência de dias com elevadas temperaturas provocou a ocorrência de escaldão, que teve impacto diferenciado dentro da sub-região do Entre Douro e Minho (EDM).

Figura 2. Plantas de kiwi visivelmente afetadas pelo escaldão e insuficiência de água, na zona de observação do Lima
Foto por: Sandra Coelho



Na Figura 2 é visível um pomar de actínideas nessas condições e a Figura 3 mostra-nos um souto em condições de stress hídrico.

Os dias ventosos, com temperaturas relativamente altas para a época do ano e humidade relativa com valores excecionalmente baixos, foram causa e alimentaram o flagelo dos incêndios, que atingiu toda a região causando destruição numa área agrícola considerável, incluindo pastagens naturais, parcelas de vinha e pomares.



Figura 3. Castanheiro com ouriços secos e abertos por stress hídrico, na zona de observação do Lima
Foto por: Sandra Coelho

Estas condições meteorológicas, favoreceram a qualidade das uvas e o desenvolvimento dos milhos, permitiram o controlo das doenças criptogâmicas das diversas culturas e não têm favorecido o desenvolvimento das pragas, nomeadamente traças, cigarrinhas, bichado, mosca do mediterrâneo (entre outras), que se mantiveram em níveis moderados.

Regista-se a antecipação nas datas de colheita devido às condições meteorológicas verificadas.

Há relatos de um número muito elevado de corvos e melros a comerem os frutos das pomóideas e prunóideas e são cada vez mais frequentes os relatos de estragos causados pelos javalis - visíveis na Figura 4.

Apesar da baixa precipitação verificada, as reservas de água mantêm-se em bom nível e não têm constituído limitações para a rega das diversas culturas.



Figura 4. Vista de estragos provocados por javalis, 10.09.2024, Mancelos - Amarante, zona de observação de Ribadouro
Foto por: Joaquim Moreira

1.2 Trás-os-Montes

Em Trás-os-Montes, durante o mês de setembro, verificaram-se descidas das temperaturas face ao mês anterior (em particular das mínimas), registando-se grandes amplitudes térmicas – com as máximas a ultrapassar os 30°C e as mínimas a situarem-se abaixo dos 10°C.

No cômputo geral, o mês de setembro foi ligeiramente mais fresco do que a normal e normal no que respeita à precipitação, embora os decénios tenham contribuído de maneira diferente para este valor. Efetivamente, o último decénio, muito chuvoso, contrasta com os dois primeiros, com o tempo a permanecer extremamente seco (Figura 5).

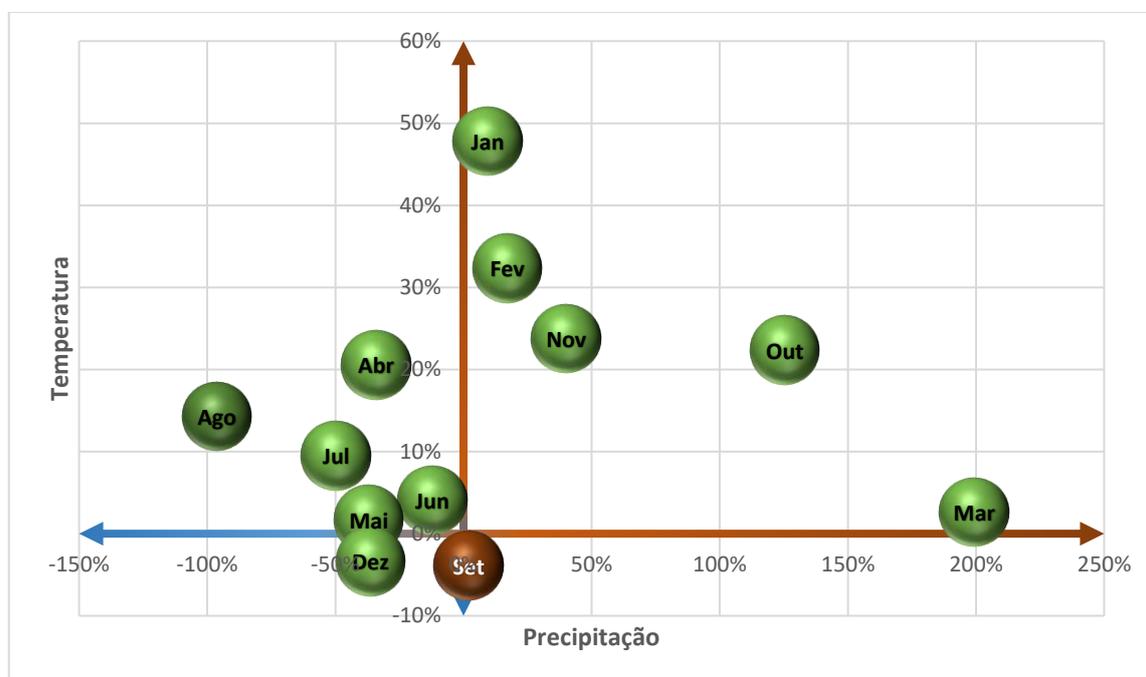


Figura 5. Desvio relativo da temperatura média do ar e da precipitação acumulada em Trás-os-Montes durante os últimos 12 meses, face às normais climatológicas (1971-2000).

A ausência de precipitação até dia 19 de setembro permitiu a realização das colheitas desta época com tempo seco – nomeadamente a vindima e a colheita de cereais e de algumas fruteiras – sem prejuízo para a qualidade dos produtos obtidos, que se apresentam sãos, isentos de doenças e com maior potencial de conservação.

Até essa data, para além de uma precipitação nula tivemos a Evapotranspiração de Referência (ET₀)¹ a atingir valores muito elevados – no extremo Este da região chegou aos

¹ Quantidade de água que passa para a atmosfera (evapora) a partir do solo ou das plantas, desde que a superfície desse solo seja completamente coberta por relva. É independente do tipo de cultura.

8-10mm/dia (sendo que o máximo se situa acima dos 10mm/dia) – e uma percentagem de água no solo particularmente baixa (em alguns locais ficou abaixo de 1%).

Apesar disso, a seca para já não representa uma preocupação, pois os ribeiros ainda têm algum caudal e as barragens, poços, furos e reservatórios têm água armazenada, como se pode comprovar na figura 6 (charca situada num ponto alto e que serve para abastecer um amendoal com sistema de rega).



Figura 6. Charca para rega impermeabilizada com tela, quase na capacidade máxima, Castelo Branco – Mogadouro
Foto por: Miguel Martins

Em virtude de ter sido uma primavera muito chuvosa, desenvolveu-se por toda a região grande quantidade de matéria vegetal espontânea (que se encontra seca nesta altura) e que potenciou a ocorrência dos graves incêndios rurais iniciados a 15 de setembro – curiosamente na mesma data em que foi emitido o Despacho n.º 10836-B/2024, declarando *“...situação de alerta entre as 13h00 de 15 de setembro até às 23h59 do dia 17 de setembro de 2024, para todo o território continental”* e onde constavam as medidas de carácter excepcional a serem respeitadas, de forma a minimizar o risco de incêndio.

Entre os dias 15 e 20 de setembro, os incêndios rurais ocorridos na região transmontana (e um pouco por todo o Norte e Centro de Portugal continental), fustigaram não só parcelas florestais, como também parcelas agrícolas com culturas como a amendoeira, o olival, a vinha, os castanheiros, entre outras.

Por norma os fogos perdem intensidade nas parcelas agrícolas com manutenção adequada, em que o solo está desprovido de vegetação ou tem vegetação espontânea controlada. Nas fotografias 7 e 8 verifica-se que o estrato arbustivo ardeu em toda a área envolvente das parcelas e quer nos castanheiros, quer nas amendoeiras só as plantas de bordadura sofreram o impacto do fogo.



Figura 7. Aspeto após fogo, pomar de amendoeiras, Nuzedo de Baixo - Vinhais
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 8. Aspeto após fogo, pomar jovem de castanheiros, Rebordelo - Vinhais

A partir do dia 20 de setembro registaram-se, em vários pontos da região transmontana, períodos de precipitação intensa, que levaram a inundações extemporâneas, com complicações maiores nas áreas ardidas. Na semana seguinte (dias 25 e 26) a chuva regressou em força acompanhada de ventos fortes, que provocaram estragos diversos, nomeadamente em pomares de macieiras dos concelhos de Moimenta da Beira e Tarouca, onde se verificou a queda de muita maçã pronta a colher e mesmo de algumas linhas de árvores.

Com a chuva saíram beneficiadas as couves, as noqueiras e os castanheiros – as primeiras crescem viçosas e as nozes e as castanhas “amadurecem” a bom ritmo – e estão reunidas as condições para a preparação dos terrenos de pousio para as novas sementeiras (uma vez que antes desta fase, o solo se encontrava muito compacto e seco).

Nos aproveitamentos agrícolas para rega começam a registar-se valores muito baixos do Nível de Pleno Armazenamento (NPA), quer pelo uso contínuo, quer pelo efeito da evapotranspiração.

As descidas mais significativas fizeram-se sentir em Chaves (Arcossó), onde o NPA atingiu os 39,7%, em Alfândega da Fé (Burga e Camba, respetivamente) com 46,5% e 53,0% e em Armamar (Temilobos) com 54,9%.

Nas figuras 9 e 10 é perceptível a acentuada descida do nível da albufeira do aproveitamento agrícola para rega de Temilobos, no concelho de Armamar, no espaço de um mês.

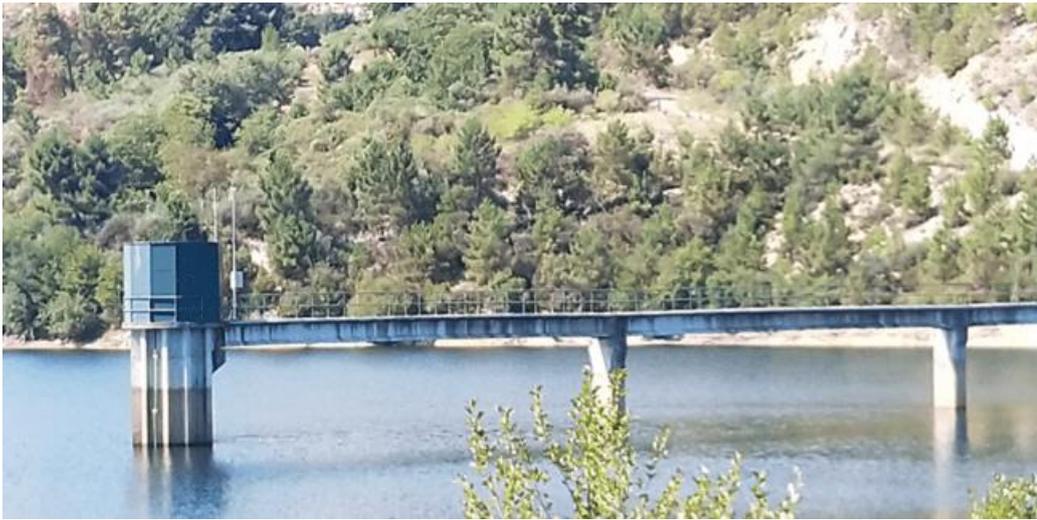


Figura 9. Nível da barragem de Temilobos em agosto (06.08.2024), Armamar
Foto por: Suzana Fonseca



Figura 10. Nível da barragem de Temilobos em setembro (03.09.2024), Armamar
Foto por: Suzana Fonseca

Na barragem de Vale de Madeiro, em Mirandela, o nível da água está ligeiramente mais baixo este ano do que em igual período do ano anterior (figuras 11 e 12).



Figuras 11 e 12. Nível da barragem de Vale de Madeiro em setembro de 2023 e setembro de 2024, Mirandela
Fotos por: Paulo Guedes

Tanto na barragem de Prada (Vinhais) como na barragem de Gostei (Bragança), o nível de água armazenado é inferior ao de igual período do ano anterior, mas a diferença não é significativa (ver figuras 13 a 16).



Figura 13. Barragem de Gostei, setembro de 2023, Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 14. Barragem de Gostei, setembro de 2024, Bragança



Figura 15. Barragem de Prada, setembro de 2023, Vinhais
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 16. Barragem de Prada, setembro de 2024, Vinhais

As linhas de água permanentes e as agueiras nos lameiros de regadio dispõem de água corrente, embora as linhas de água temporárias ainda permaneçam secas. As nascentes ainda repõem o nível de água após utilização para rega. As charcas apresentam níveis idênticos aos de 2023 (ver figuras 17 e 18).



Figura 17. Charca privada, setembro de 2023, Santa Comba de Rossas - Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 18. Mesma charca, setembro de 2024, Santa Comba de Rossas - Bragança

2 Fitossanidade

2.1 Entre Douro e Minho

Em fim de campanha, as pragas e doenças a destacar no Entre Douro e Minho são:

- Mosca do Mediterrâneo (*Ceratitis capitata*): desde o início do verão e ao longo de todo o período de maturação dos frutos, registaram-se populações muito altas, que provocaram a queda do fruto (em particular da laranja).
- Incidência de doenças criptogâmicas na vinha (míldio - *Plasmopara viticola* e oídio - *Erysiphe necator*), não controladas por muitos dos produtores (fotografia 19). Verificou-se a ocorrência de míldios e oídios em carvalhos, que afetaram a produção de melada que é utilizada pelas abelhas.



Figura 19. Vinha da casta Vinhão, com vestígios de míldio e podridão, zona de observação do Lima
Foto por: Sandra Coelho

- Os insetos do solo na cultura do milho (nóctuas – *Agrotis segetum* e *Agrotis ipsilon* e alfinete – *Agriotes ou Athous*) têm tido impacto diferenciado nas diferentes zonas de

observação, tendo maior gravidade na zona de observação do Ave e menor na zona de observação do Entre Douro e Vouga e Grande Porto, comparativamente a 2023.

- As populações da traça da batata (*Phthorimaea operculella*) aumentam de ano para ano, sem que haja produtos fitofarmacêuticos eficazes (tal como no caso dos insetos do solo na cultura do milho).
- Registam-se vários casos de cancro bacterianos na oliveira (*Pseudomonas savastanoi*), como se pode constatar na fotografia 20.



Figura 20. Cancro bacteriano da oliveira, zona de observação do Lima
Foto por: Sandra Coelho

- Ataques de bichado da castanha (*Cydia splendana*), que causam estragos diretos nos frutos (figura 21).

Como ponto positivo, registam-se as nítidas melhorias na ocorrência da vespa da galha do castanheiro, devido ao efeito positivo do parasitoide *Torymus sinensis*.



Figura 21. Castanhas afetadas por ataque de bichado (larvas), agrupamento de concelhos do Vale do Cávado - Braga
Foto por: Maria Laura

A Estação de Avisos do Entre Douro e Minho emitiu a Circular 15/2024 no dia 19 de setembro, onde são recomendadas as tarefas e tratamentos preventivos a realizar contra as principais doenças das culturas da vinha, actinídea, citrinos, diospireiro e pomóideas.

Para as culturas do castanheiro e da oliveira são feitas recomendações de intervenções preventivas, contra as principais pragas e doenças.

A Circular apresenta ainda as principais modalidades de manutenção do solo para a vinha e para os pomares e recomenda a realização de tratamentos preventivos contra as pragas e doenças das hortícolas, ornamentais e batateira.

Nela estão elencados os inseticidas e atrativos /armadilhas para o combate contra a mosca do mediterrâneo (*Ceratitis capitata*) em citrinos e diversas fruteiras, assim como o cálculo da Estimativa do Risco e do Nível Económico de Ataque para o corrente ano, para citrinos e diospiros.

Foi também apresentado um folheto de divulgação sobre a podridão negra das crucíferas (*Xanthomonas campestris* pv. *campestris*).

2.2 Trás-os-Montes

Na região transmontana não se verificaram ocorrências fitossanitárias significativas durante as primeiras semanas do mês de setembro, registando-se apenas a necessidade de prevenção na cultura da castanha, contra os estragos/prejuízos provocados pelo ataque do bichado nos frutos.

A partir da terceira semana, a chuva intensa e o vento forte prejudicaram os trabalhos da vindima e da colheita de amêndoa e pomóideas, tendo provocado também a queda de alguma azeitona, que até essa data se desenvolvia a bom ritmo.

Nos locais com a maturação das uvas mais tardia e a vindima mais atrasada, aumentou o risco do desenvolvimento de podridões nos cachos (*Botrytis cinerea*), por rachamento da película das uvas associado, por vezes, a situações prévias de oídio (*Erysiphe necator*).

Por outro lado, a elevada precipitação contribuiu para a redução do teor alcoólico dos vinhos, cujas uvas foram colhidas após essa data.

Durante o mês de setembro foi emitida pelos Serviços de Avisos Agrícolas a seguinte circular:

- A Estação de Avisos do Norte Transmontano emitiu a 05 de setembro a Circular 11/2024, dirigida especificamente à prevenção e controlo do Bichado da Castanha (*Cydia splendana*), praga com grande impacto económico na cultura, face ao potencial destrutivo que apresenta.

Para mais informação, pode consultar o Serviço Nacional de Avisos Agrícolas em:

<https://portal.drapnorte.gov.pt/divulgacao/centro-de-documentacao/6-avisos-agricolas>

3 Cereais Praganosos para grão

3.1 *Entre Douro e Minho*

As colheitas dos cereais de Out/Inv estão concluídas. Estes cereais destinam-se quase exclusivamente ao autoconsumo e à auto utilização nas próprias explorações, tendo o trigo apresentado uma produção igual à do ano passado.

3.2 *Trás-os-Montes*

A colheita dos cereais na região transmontana ficou concluída este mês, com resultados inferiores aos esperados em alguns concelhos do Planalto Mirandês – nomeadamente no trigo, onde a espiga produziu menos grão e por vezes com menor qualidade. Segundo informações prestadas pelos produtores, este ano a cotação do grão vai atingir valores particularmente baixos, pelo que estes optam por guardar a produção para alimentação dos animais da exploração.

Esta quebra nos preços é difícil de compreender, na medida em que têm vindo a subir os custos de todos os fatores de produção (combustíveis, fertilizantes...), levando inclusivamente os produtores das zonas raianas a adquirir os produtos no comércio espanhol. Com o avançar do tempo, esta situação contribuirá para uma gradual diminuição da área semeada com cereais.



Figuras 22 e 23. Restolho de tritcale com fardos grandes, Tó – Mogadouro
Fotos por: Miguel Martins

No que diz respeito à produção de palha, estima-se que haja um incremento na ordem dos 10 a 20%, devido à presença de vegetação espontânea na cultura. Nas figuras 22 e 23 são visíveis os molhos de palha nos campos de Mogadouro, antes de serem recolhidos.

Por outro lado, nos concelhos da Terra Fria a produção e as produtividades desta campanha foram superiores às do ano anterior e os produtores estão bastante satisfeitos,

pois os silos estão a transbordar de cereal e muitos declaram que tiveram mais palha este ano, que nos dois anos anteriores.

Neste momento os produtores já se preparam para o novo ano agrícola e já é possível observar no horizonte as parcelas mobilizadas para a sementeira. Existe intenção por parte dos produtores de adquirir sementes e adubos, ponderando um eventual aumento da área semeada.

Contrariamente ao que era comum, na presente campanha o impacto das espécies cinegéticas (cervídeos e javalis) nas culturas cerealíferas não foi muito significativo. Segundo os produtores, a redução dos efetivos está associada a uma doença hemorrágica, provocada por um vírus transmitido pela picada de um inseto, que diminuiu significativamente o número habitual de veados e corsos.

4 Milho de Sequeiro e Regadio)

4.1 *Entre Douro e Minho*

O milho-grão de sequeiro foi afetado pelo atraso nas sementeiras, que ocorreram mais tarde que o habitual – devido às chuvas que encharcaram os campos e dificultaram os trabalhos agrícolas. Atualmente já se observam muitos campos onde o milho de sequeiro foi cortado ou onde as espigas já foram colhidas. Perspetiva-se uma ligeira diminuição da produção (-2%), em comparação com o ano passado.



Figura 24. Campo de milho grão de regadio na fase da maturação, com colheita da bandeira (prática tradicional na região), Oliveira de Azeméis – zona de observação do Entre Douro
Foto por: Isabel Correia

No que diz respeito ao milho de regadio, verifica-se um bom desenvolvimento vegetativo, com plantas vigorosas e verdejantes e espigas completas e bem formadas.

Atualmente os campos estão nas últimas fases do ciclo fenológico, apresentando um rápido desenvolvimento, impulsionado pelo calor. Estima-se que a produtividade seja ligeiramente superior (+2%) à verificada no ano anterior.

Por dificuldades de mão de obra e descida no preço do milho grão, alguns produtores estão a destinar para silagem áreas inicialmente projetadas para a produção de grão.

4.2 Trás-os-Montes

Relativamente à cultura do milho – quer em regime de sequeiro, quer em regime de regadio – esta foi cerca de 15% mais produtiva que no ano anterior, aproximando-se dos valores normais.

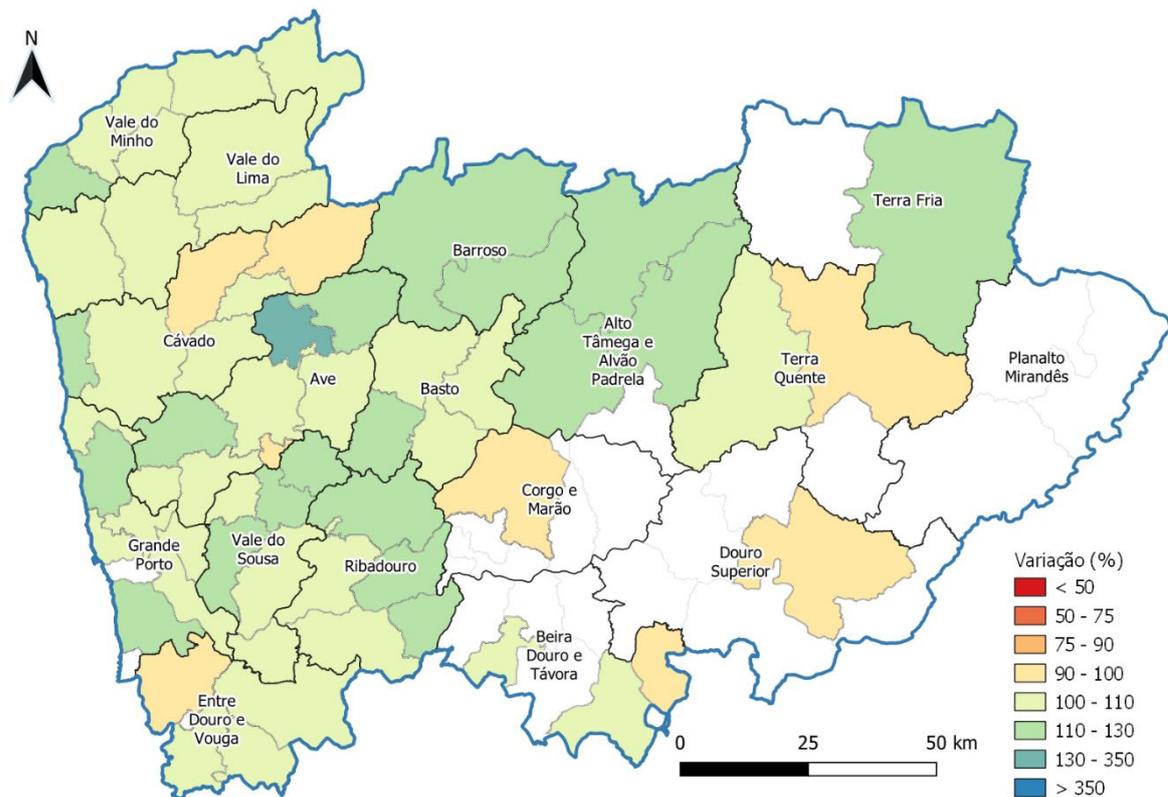


Figura 25. Variação (%) da produtividade do milho grão de regadio, comparativamente à média do quinquénio 2018/19 a 2022/23

5 Leguminosas secas – Feijão

As condições climatéricas e a disponibilidade de água para rega têm sido favoráveis ao desenvolvimento vegetativo das leguminosas, estimando-se igual produção à do ano passado, quer do feijão quer do grão-de-bico.

6 Batata

6.1 Entre Douro e Minho

Prevê-se uma diminuição (-6%) na produção da batata de regadio.

As condições climatológicas permitiram o desenvolvimento da cultura e, com maior ou menor dificuldade, o controlo do míldio. Nas zonas de observação de Ribadouro e Sousa há menor pressão da “*traça da batateira*” e, conseqüentemente, maior facilidade no seu controlo.

Nas zonas de observação do Entre Douro e Vouga e Grande Porto continua a verificar-se dificuldade no controlo do abrolhamento e da traça (*Phthorimaea operculella*) no armazenamento doméstico, devido à falta de soluções eficazes.

A facilidade na comercialização, com a batata a ser bem vendida à saída do campo (devido à quebra de produção em países produtores e exportadores para Portugal, como Espanha e França) aumentaram a procura local.

6.2 Trás-os-Montes

As últimas batatas de regadio foram colhidas em setembro e revelaram-se com boa qualidade e bons calibres. Em termos médios registou-se um ligeiro aumento de produção (cerca de 10%), quando comparado com o ano anterior. Os agricultores referem sentir algumas dificuldades em controlar os ataques da traça da batata em armazém.

Após a colheita da batata e a mobilização dos solos, em jeito de rotação e para rentabilizar o uso das parcelas, já foram semeados nabos e nabiças e plantadas as tradicionais couves para colher no inverno (brócolos, repolhos, coração, pencas...). O desenvolvimento dessas couves está a fazer-se a bom ritmo, como é possível visualizar nas figuras 26 e 27.



Figuras 26 e 27. A mesma parcela, com batata de regadio (20.08.2024) e mais tarde com couves e nabiças (24.09.2024), Armamar

Fotos por: Suzana Fonseca

Nas hortas familiares ainda é possível encontrar diversos produtos, que este ano são de boa qualidade e em maior quantidade que em anos anteriores. As hortícolas têm o seu ciclo vegetativo a terminar (nalguns locais já terminou) e culturas como o feijão, o grão-de-bico, tomate, pimentos, melões, abóboras e cebola estão prontas a colher ou estão já armazenadas para consumir durante o ano.

Este ano as abóboras são em menor número e calibre, apresentando menor espessura de polpa comestível para os efetivos pecuários, o que se irá traduzir em menor produtividade e produção total, quando comparado com a campanha anterior, consequência de um verão muito seco.

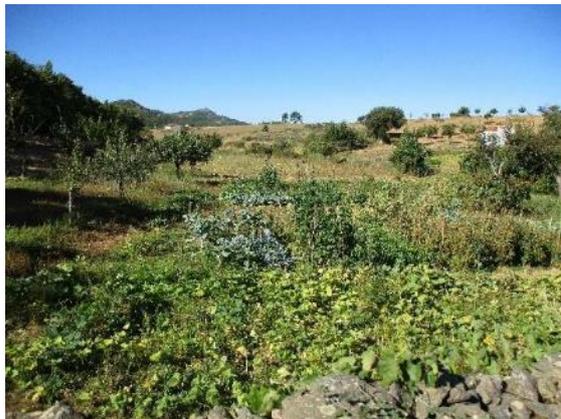


Figura 28. Horta familiar em Mogadouro
Fotos por: Miguel Martins



Figura 29. Parcela com abóboras de sequeiro, Palaçoulo - Mogadouro

Na figura 28 vemos um exemplo de uma horta familiar em Mogadouro, que continua a providenciar alimento e onde a disponibilidade de água não tem sido um problema.

Na figura 29 temos uma parcela com abóboras de sequeiro, em bom estado vegetativo e sanitário.

7 Fruticultura

7.1 *Entre Douro e Minho*

Pomóideas

Verifica-se uma diminuição da produção, que é menor na maçã (-4%) do que na pera

(-13%), por comparação com o ano transato, devido a vingamento muito fraco dos frutos.



Figura 30. Colheita de maçã em Vila Verde, zona de observação do Cávado

Foto por: Maria Laura

Prunóideas (pêssego)

A produção do pêssego foi inferior (-20%) à do ano passado, em resultado de uma taxa de vingamento dos frutos muito má. A produção da maior parte das variedades de ameixa foi mediana e inferior à última campanha.

As ameixieiras, tiveram boas florações, mas fraco vingamento, resultando em árvores com poucos frutos.

Actinóideas (Kiwi)

A falta de frio está na origem da fraca rebentação, sobretudo nos pomares do litoral. Além de haver menos flor, a floração/polinização coincidiu com períodos de chuva e frio. Não houve vingamento ou foi deficiente, originando fruto deformado (apesar de não ter havido falta de água para rega).

A proibição da utilização da cianamida hidrogenada (*Dormex*) na cultura do kiwi, para a interrupção do período de dormência e indução de uma floração uniforme, está a afetar a rentabilidade destes pomares, com uma previsão de diminuição (-15%) da produtividade.



Figura 31. Vista de pérgula com kiwis, 10.09.2024, Telões - Amarante, zona de observação do Cávado

Foto por: Joaquim Moreira

Mirtilos

Continua a colheita das variedades tardias de mirtilo, variedade “Centra blue”.

Esta variedade constitui uma janela de oportunidade, quando já não há produção de mirtilo no mercado. A produção das variedades tardias tem compensado a mais fraca produção

das variedades temporãs, que na altura da floração sofreram com a chuva intensa e a queda de granizo em algumas localidades.

Citrinos

As plantas apresentam desenvolvimento vegetativo normal, com previsões de produção igual à do ano passado. Observam-se alguns estragos nos rebentos jovens provocados por ataques de lagarta mineira, "*Phyllocnistis citrella Station*" especialmente em árvores localizadas nas hortas familiares.

Observa-se menor número de frutos novos e estima-se uma produtividade inferior na próxima campanha.

Figueiras

Em relação ao figo, há mais produção que no ano passado. A precipitação estraga-os, apodrecendo na árvore. O fruto colhido em bom estado estraga-se muito rapidamente. Estimativa de maior (+3%) produção em comparação com o ano passado.

Nogueiras

Em relação à noz, a quantidade de frutos nas árvores é idêntica ao ano anterior. Estão a cair as primeiras, com a casca verde agarrada e a noz muito leve, parece que não tem miolo. Continuam a verificar-se ataques da mosca da casca verde da noz (*Rhagoletis completa*). O fruto fica com a casca verde agarrada, impossível de aproveitar pelo que se prevê uma diminuição (-2%) da produtividade por comparação com o ano passado.

Castanheiros



Figura 32. Castanheiro crescimento livre, com 2 variedades diferentes, Meixedo, zona de observação do Lima
Foto por: Sandra Coelho

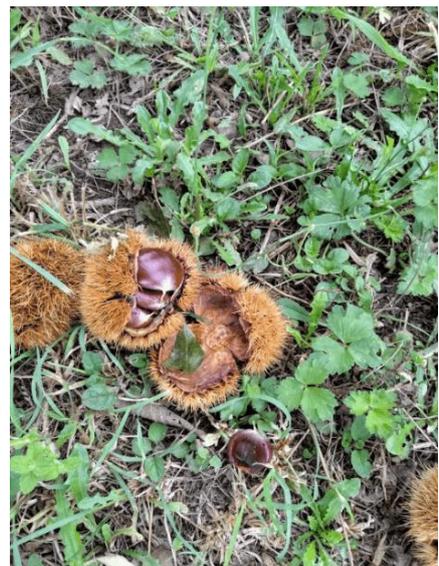


Figura 33. Castanha do cedo, Braga, zona de observação do Cávado
Foto por: Maria Laura

Os castanheiros apresentam um aspeto vegetativo heterogéneo – alguns têm muitos ouriços em crescimento, enquanto que em outras explorações é evidente a insuficiente hídrica, com ouriços secos, pequenos e abertos. Prevê-se uma diminuição da produtividade (-14%), quando comparado com o ano passado.

Uva de mesa

A cultura da uva de mesa tem muito pouco significado na sub-região do EDM (não chega aos 20 ha), com exceção da freguesia de Barrô no concelho de Resende (na zona de observação de Ribadouro) onde predomina a exploração familiar para autoconsumo.

Este ano as condições meteorológicas foram bastante favoráveis e beneficiaram a qualidade das uvas. Contudo, há uma previsão de diminuição considerável da produção (-10%), por comparação com o verificado no ano transato.

7.2 Trás-os-Montes

Pomóideas

A colheita das pomóideas em Trás-os-Montes, iniciada durante o mês de agosto, entrou em velocidade de cruzeiro em setembro, com os produtores do Douro Sul a colher frutos em muito bom estado sanitário, boa cor, bons teores de açúcar e calibres elevados.

A maior parte da produção que está a ser colhida tem como destino a refrigeração, embora parte dela esteja já a ser comercializada como maçã do ano (“nova”).



Figura 34. Colheita de maçã por recurso a plataforma de colheita, 03.09.2024, Britiande - Lamego
Foto por: Suzana Fonseca

Neste momento já foi colhida grande parte das variedades, com as maçãs vermelhas (“Starking”) e as Fuji a serem deixadas para o final (outubro), por ainda não terem atingido o teor de açúcar ideal.



Figura 35. Colheita de maçã variedade Royal Gala, 03.09.2024, Britiande – Lamego
Foto por: Suzana Fonseca

As maçãs Bravo de Esmolfe e Reineta Parda são variedades regionais no Douro Sul, produzidas em quantidades relativamente pequenas, quando comparadas com outras como a Golden Delicious e as variedades vermelhas (Royal Gala, Starking, ...).



Figura 36. Maçãs da variedade Bravo de Esmolfe, 03.09.2024, Armamar
Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 37. Maçãs da variedade Reineta Parda, 03.09.2024, Armamar



Figura 38. Pomar de macieiras jovens, Azinheiro – Mogadouro
Foto por: Miguel Martins

Apesar das previsões iniciais apontarem para uma ligeira descida da produção, neste momento os produtores referem que a mesma se aproximará dos valores de 2023 (nos pomares em plena produção).

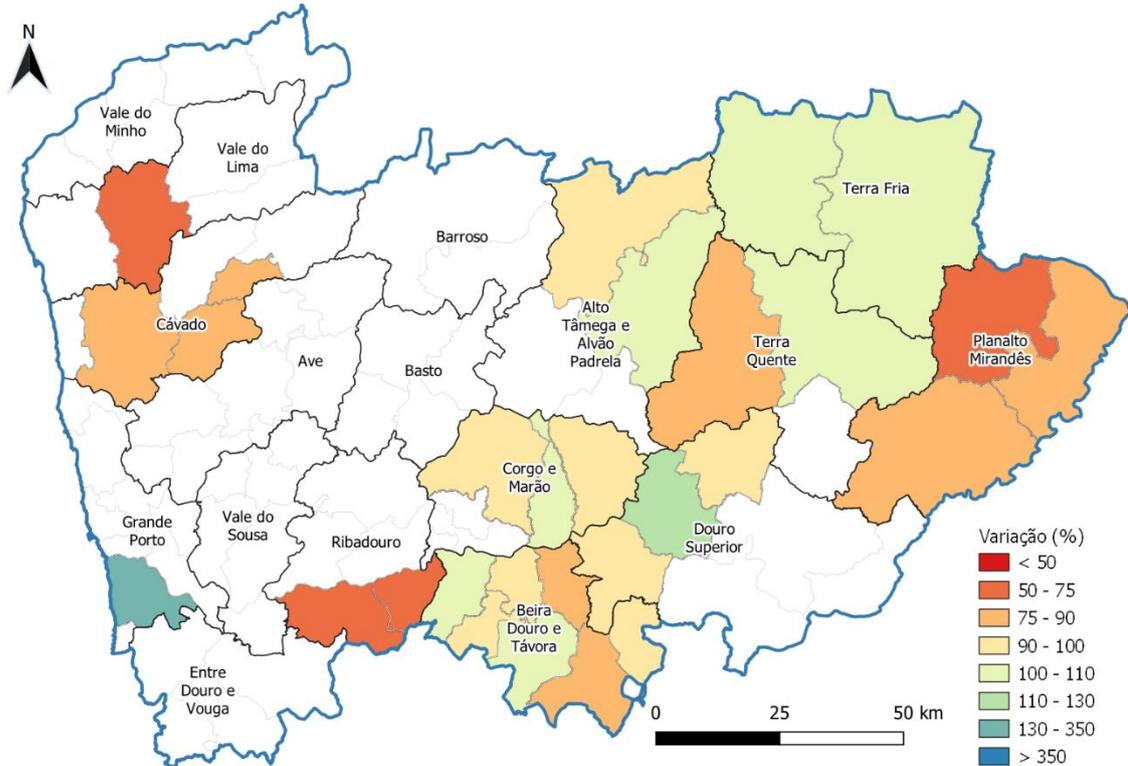


Figura 39 Variação (%) da produção de maçã, comparativamente à média do quinquénio 2018/19 a 2022/23



Figura 40. Maças das variedades Golden Delicious, Royal Gala e Reineta Parda – Moimenta da Beira
Foto por: Suzana Fonseca

Amendoiras, Avelãs, Nogueiras

O setor da amêndoa prevê um ligeiro aumento da produção em alguns concelhos, assente em algumas variedades (em particular as tradicionais). Como já foi referido em boletins anteriores, dependendo da localização das parcelas e da época de floração, o vingamento dos frutos ficou comprometido pelas condições climatéricas (frio, vento, precipitação).

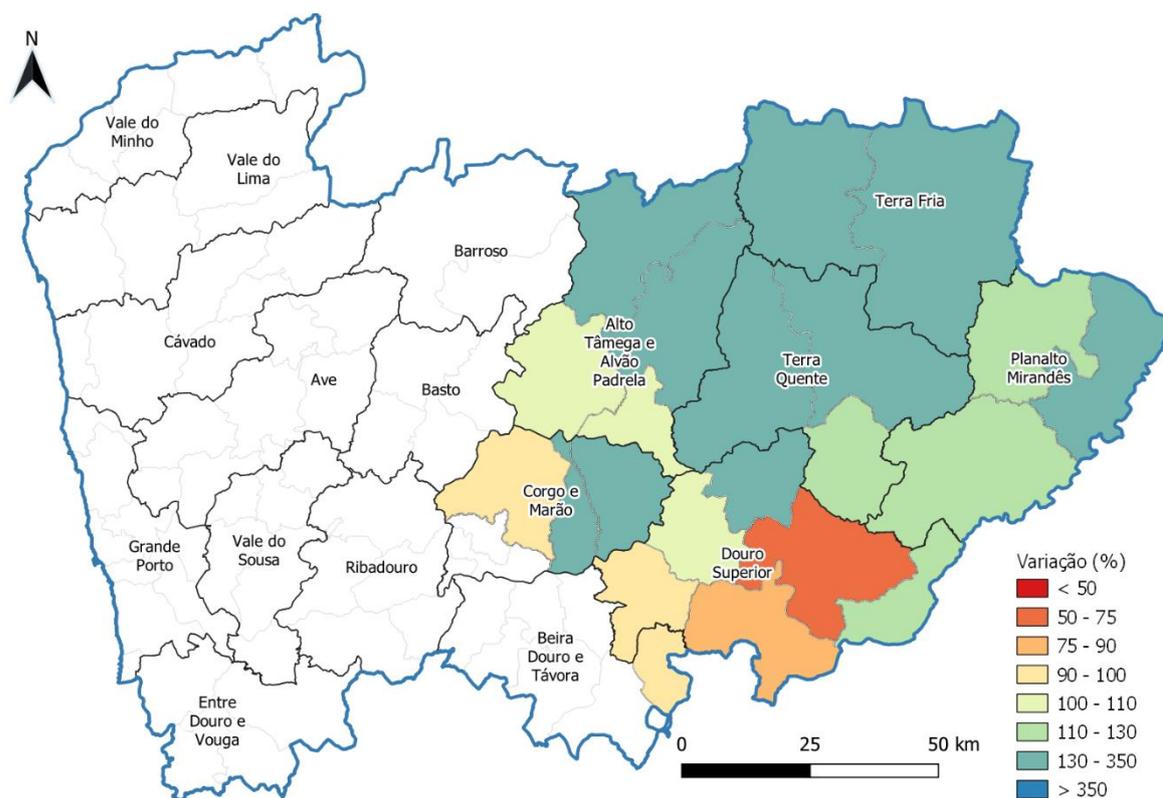


Figura 41. Variação (%) da produção de amêndoa, comparativamente à média do quinquénio 2018/19 a 2022/23

Nas variedades cuja floração ocorreu antes ou imediatamente depois desse período desfavorável apresentam boas produções, enquanto que nas restantes por vezes a perda foi total (ou bastante elevada).

Neste momento decorrem as operações de secagem e ensaque, denotando-se que no geral o calibre da amêndoa é inferior.

A amêndoa de proveniência biológica é comercializada a cotações mais elevadas que a amêndoa de agricultura convencional. Contudo, neste momento, os encargos associados às análises, restrições à proteção da cultura, fiscalizações, certificação (entre outros) têm vindo a criar entre os produtores uma ligeira polémica, que poderá levar alguns a abandonar este método de produção.

Na figura 42 temos um amendoal jovem no concelho de Mogadouro, que apesar da instalação de um sistema de rega, não reflete a tendência de aumento de produção.



Figura 42. Amendoal jovem, com sistema de rega, Castelo Branco – Mogadouro
Foto por: Miguel Martins

As aveleiras terminaram o seu ciclo vegetativo, com a apanha a decorrer durante este mês. Com a precipitação e o vento do final de setembro, os frutos caíram sobre o solo e os produtores declaram ter menor produtividade. No entanto, prevê-se uma maior produção total, uma vez que esta cultura teve um aumento significativo de área nos últimos anos, com entrada em produção desses pomares. Os frutos também apresentam menor calibre do que o normal para a região.



Figura 43. Aspeto da avelã sob o solo, Gostei – Bragança

Foto por: Anabela Coimbra

A cultura da noz está a terminar o seu ciclo, constatando-se que, após as primeiras chuvas de outono, o seu estado geral melhorou. Segundo os produtores, a apanha irá decorrer durante o próximo mês, estando um pouco atrasada em relação ao ano anterior.



Figura 44. Aspeto do pomar de nozes em regime de sequeiro, Quintela – Vinhais
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 45. Aspeto das nozes em regime de sequeiro, Quintela – Vinhais (mesmo pomar)



Figura 46. Aspeto do pomar de nozes em regime de regadio, Vinhais
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 47. Aspeto das nozes em regime de sequeiro, Vinhais (mesmo pomar)

Os calibres estão muito irregulares, o que se poderá traduzir numa diminuição da produtividade esperada (quando comparada com valores normais), mas num aumento da produção total, uma vez que existem novas plantações a entrar em produção.

Nas fotografias 44 a 47 podemos observar a diferença do estado vegetativo e do calibre das nozes nos pomares em regime de sequeiro e em regime de regadio.

Castanheiros

Diz o ditado popular que “ouriços raros, castanhas aos carros”.

Na generalidade dos soutos transmontanos encontramos árvores com bastantes ouriços (ainda que por vezes em menor número que no ano de 2023), mas que para já estão mais saudáveis, não manifestando sintomas de doenças de carácter anual (nomeadamente a *Gnomoniopsis castanea*). Pontualmente, na Serra da Padrela, verificaram-se alguns casos de Septoriose.



Figura 48. Souto com boa quantidade de ouriços, 03.09.2024, Armamar
Foto por: Suzana Fonseca

Boa parte dos agricultores do concelho de Valpaços (DOP Castanha da Padrela), onde a variedade Judia é “rainha”, estiveram atentos a estas doenças e, em resultado de várias ações de sensibilização e encontros de especialistas na cultura do castanheiro, realizaram aplicações preventivas de produtos cuja substância ativa é o cobre. Estes

produtos tem uma ação “desinfetante”, conferindo às plantas uma resistência adicional aos ataques de diversos fungos.

A última ação de divulgação realizou-se em Rio Bom (Carrazedo de Montenegro), no dia 20 de setembro, com o nome “Judia com futuro IV” e juntou mais de 300 produtores.

No início do mês já se observavam em campo, castanheiros adultos em stress hídrico. Com a descida das temperaturas máxima e mínima e a ocorrência de precipitação a partir do dia 20, reuniram-se condições favoráveis para os castanheiros, que nos últimos dias melhoraram o seu estado vegetativo, apresentando-se neste momento em melhores condições fitossanitárias que em igual período da campanha anterior.

Segundo os produtores e agentes comerciais da Terra Fria, estaremos perante uma campanha menos produtiva que o normal, mas em termos percentuais o valor será superior ao das últimas duas campanhas (que foram desastrosas). Acresce o facto de existirem novos soutos a entrar em produção.



Figura 49. Souto lavrado, concelho de Valpaços
Foto por: Paulo Guedes

À medida que se aproxima a data da colheita, os produtores começam a preparar a superfície do solo dos seus soutos (ver figura 50), observando-se tratores a fazer mobilizações, a destroçar ou a passar rolos. Os agricultores diversificam as operações culturais conforme a forma de apanha que cada exploração utiliza.

Nas variedades temporãs já é possível observar ouriços abertos, embora ainda não se vejam castanhas caídas no chão – constata-se que das três castanhas por ouriço todas resultam em frutos viáveis e têm ótimo calibre (ver fotografias 51 e 52).



Figura 50. Aspeto dos ouriços, setembro 2023, variedade temporã, Vinhais
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 51. Aspeto dos ouriços, setembro 2024, variedade temporã, Vinhais
mesma parcela, mesma árvore, ramos e anos diferentes



Figura 52. Aspeto dos ouriços, setembro 2023, Vilar de Ossos - Vinhais
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 53. Aspeto dos ouriços, setembro 2024, Vilar de Ossos - Vinhais
mesma parcela, mesmo ramo, anos diferentes

Para além de serem em grande número os ouriços estão bem desenvolvidos e, se as condições de temperatura e precipitação forem favoráveis, tudo indica que estaremos perante um bom ano, em termos de quantidade e qualidade de castanha produzida, mantendo-se as previsões do Boletim de agosto.

Quando se observam e comparam as plantas que no ano anterior tiveram um forte ataque de Septoriose (fotografias 54 a 56), verifica-se que as mesmas apresentam menos folhas e menos frutos e que o calibre dos ouriços é menor.

Não será, portanto, descabido afirmar que esta doença teve, e terá também, um impacto negativo na produção e na produtividade destas plantas na presente campanha.



Figura 54. Setembro 2023, Vilar de Ossos - Vinhais



Figura 55. Outubro 2023
MESMA PARCELA, MESMO POMAR



Figura 56. Setembro 2024
MESMA PARCELA, MESMO POMAR

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 57. Souto em regime de sequeiro, setembro 2023, Moreda - Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 58. Souto em regime de sequeiro, setembro 2024, Moreda - Bragança
Mesma parcela, mesma árvore

Também é frequente encontrar áreas de castanheiros atacados pela Vespa das Galhas (*Dryocosmus kuriphilus*) e pelas doenças crónicas Cancro (*Cryphonectria parasitica*) e Tinta (*Phytophthora cinnamom*).



Figura 59. Castanheiro adulto e em bom estado sanitário, Bruçó - Mogadouro
Foto por: Miguel Martins

Figueira

Este ano (campanha 2024) o balanço da produção de figos é bastante positivo. As figueiras produziram frutos em grande número, cuja maturação/colheita se prolongou no tempo em resultado das condições climáticas (temperaturas elevadas e precipitação nula).

Dependendo da localização das árvores e da disponibilidade hídrica, os figos atingiram bons calibres e bons teores de açúcar. Em locais com menor acesso à água, os figos ficaram doces, mas um pouco secos.

Estima-se que em alguns concelhos a produção deste ano tenha superado em cerca de 5% a da campanha anterior.



Figura 60. Últimos figos do ano, 24.09.2024, Armamar
Foto por: Suzana Fonseca

Sabugueiro

Tal como previsto no Boletim anterior, a produção de baga de sabugueiro ficou aquém da que seria esperada nesta campanha.

Pelos motivos já referenciados, associados à queda das pequenas bagas, a produção total da região ficou-se pelas 530 toneladas.

Apesar disso foram alcançados os parâmetros de qualidade, nomeadamente a intensidade corante das bagas.

8 Vinha

8.1 Entre Douro e Minho

As condições climatológicas têm sido favoráveis à qualidade sanitária das uvas e facilitadoras da tarefa das vindimas (que se encontram na fase final). Contudo, a estimativa é de uma produção inferior à da campanha anterior (-6%).

A qualidade sanitária das uvas é de modo geral muito boa, sem presença de podridões. Resultam em mostos fáceis, mas com baixos teores de azoto disponível, que podem levar a paragens das fermentações, nos produtores menos atentos e/ou especializados.

Os incêndios ocorridos de 16 a 19 de setembro flagelaram grande parte da região e causaram a destruição de algumas parcelas de vinha.

A dificuldade em recrutar mão-de-obra para a vindima tem promovido o recurso à utilização de máquinas de vindimar – alguns dos maiores viticultores já dispõem deste equipamento, que também disponibilizam para prestação de serviços a outros produtores.



Figura 61. Vista de cordão de vinha, 05.09.2024, Mancelos – Amarante, zona de observação do Ribadouro
Foto por: Joaquim Moreira



Figura 62. Vindima mecânica, 10.09.2024, Castelões – Penafiel, zona de observação do Sousa
Foto por: Joaquim Moreira



Figuras 63 e 64. Receção e pesagem de uvas brancas, 20.09.2024, Adega Cooperativa de Vale de Cambra, zona de observação do Entre Douro e Vouga
Fotos por: Isabel Correia



Figura 65. Descarga de uvas brancas, 20.09.2024, Adega Cooperativa de Vale de Cambra, zona de observação do Entre Douro e Vouga
Foto por: Isabel Correia

8.2 Trás-os-Montes

Setembro foi o mês das vindimas, na região transmontana.

Embora alguns produtores com explorações localizadas nos locais mais quentes da Região Demarcada do Douro tenham iniciado a colheita das suas uvas no mês de agosto, foi em setembro que esta se fez de forma generalizada em Trás-os-Montes (ainda que não finalizada).

Durante este mês a maturação terminou, com as uvas a atingirem os valores de *Brix*, acidez e coloração ideal para a vinificação. Foi possível encontrar, um pouco por todo o lado, explorações a dar por concluída a campanha, realizando a vindima em boas condições de trabalho – pelo menos até à terceira semana de setembro.



Figuras 66 e 67. Vindimas na Quinta de Santa Bárbara, Ervedosa do Douro – São João da Pesqueira
Fotos por: Jorge Coutinho

Até dia 20, as uvas encontravam-se em bom estado sanitário, embora nalguns locais já apresentassem algum grau de desidratação.

Por este motivo prevê-se uma ligeira redução da produção em relação ao ano passado, que no Planalto Mirandês se situará entre os 10-15%.



Figuras 68 e 69. Vinha em Prado Gatão, Miranda do Douro
Fotos por: Miguel Martins

Este ano verifica-se por um pouco por toda a região um fenómeno até aqui invulgar, mas que poderá vir a ser recorrente no futuro – existe uma boa produção de uvas (em termos quantitativos e qualitativos), mas poucos interessados em adquiri-las.

Algumas (muitas) adegas de grande dimensão referem ter ainda grande quantidade de vinhos do ano anterior em stock, pelo que não têm capacidade de vinificar mais este ano. A importação de vinho oriundo de outros países também terá contribuído para esta crise no setor.

Os produtores vêm-se a braços com uma situação muito complicada, em particular aqueles cuja principal (ou única atividade) é a viticultura. Algumas quintas têm uvas de excelente qualidade, mas a falta de comprador levará a que nem sejam colhidas (evitando assim mais uma despesa). Na figura 70 temos um desses exemplos, no concelho de Mirandela.



Figura 70. Vinha com uvas de boa qualidade que não virão a ser colhidas, Mirandela

Foto por: Paulo Guedes

Os produtores engarrafadores de menor dimensão vindimam e vinificam toda a produção, aproveitando que este ano a qualidade é acima da média. Sempre que possível, parte da produção de uvas tintas é vinificada em lagares tradicionais, para maior extração de cor e melhoria de outros parâmetros enológicos (ver figura 72).

Na Terra Fria, a área de vinha mais representativa localiza-se em Rebordelo (Vinhais) e aqui foi a 12 de setembro que as vindimas se iniciaram, decorrendo ainda dentro da normalidade.

Segundo informações dos responsáveis da principal unidade de transformação local (Adega Cooperativa do Rabaçal – Rebordelo), este ano já rececionaram mais uvas que em igual período do ano passado – uma vez que noutras regiões não existe procura de uvas, os produtores estão a entregar na Adega a totalidade da sua produção.



Figuras 71 e 72. Vindima e vinificação de uvas tintas em lagares, Celeirós – Sabrosa

Fotos: Cortesia de Rosa Araújo (Teoria Vinhos)



Figura 73. Aspeto dos cachos de uvas tintas, Rebordelo – Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 74. Sonda a fazer a colheita para medição do teor de açúcar nas uvas, Rebordelo – Vinhais

Comparativamente com o ano anterior, este ano a maturação está mais atrasada e prevê-se que a produção total e a produtividade sejam ligeiramente inferiores, sofrendo uma inversão na tendência e contrariando as previsões do Boletim de agosto.



Figura 75. Aspeto das uvas brancas no tegão de descarga, Adega Cooperativa do Rabaçal, Rebordelo – Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 76. Aspeto das uvas tintas no tegão de descarga, Rebordelo – Vinhais

Esta campanha, na Terra Fria, o teor de açúcar das uvas também é menor, pelo que é expectável a produção de vinhos com menor teor alcoólico.

9 Olival

9.1 *Entre Douro e Minho*



Figuras 77 e 78. Evidência de poucas azeitonas na ponta dos ramos, Vale de Cambra, zona de observação do Entre Douro e Vouga

Fotos por: Carlos Dias

No olival, o fruto está ainda em desenvolvimento. O pouco fruto localizado na ponta dos ramos, deve-se aos problemas na fase da floração e vingamento (frio e chuva). Apesar das oliveiras se encontrarem nas bordas dos campos, acabam por serem regadas indiretamente, pela rega da cultura do milho.

Nos olivais de regadio, convenientemente tratados, a carga de fruto e o aspeto é igual. A variedade galega já está no início da maturação (ver figura 79).



Figura 79. Olival antigo já em fase de maturação, Cardielos – Viana do Castelo, zona de observação do Lima
Foto por: Sandra Coelho

Já foi necessária a realização de tratamentos fitossanitários para controlar a Gafa (*Colletotrichum spp*), o Olho-de-pavão (*Spilocaea oleagina*) e Mosca da azeitona (*Bactrocera oleae*). Só alguns produtores fazem estes tratamentos, pois o olival é disperso e a grande maioria dos produtores são idosos.

A estimativa é de uma grande diminuição da produtividade (-45%), em comparação com o ano passado. Há informação de ainda haver azeite armazenado da campanha anterior.

9.2 Trás-os-Montes

Tal como referido no Boletim do mês anterior, observa-se uma grande heterogeneidade na cultura do olival, quer se trate de azeitona de mesa ou de azeitona para azeite. Dependendo da dispersão e das variedades, assim encontramos árvores com maior ou menor número de frutos.

Segundo os produtores, a variedade Santulhana foi uma das que teve pior vingamento dos frutos, em resultado da precipitação constante que ocorreu na fase da floração, com consequente impacto na produtividade.

Não obstante, as oliveiras em Trás-os-Montes encontram-se em muito bom estado vegetativo e sanitário, não se manifestando quaisquer sinais ou sintomas de doenças ou pragas. No entanto, e face à precipitação ocorrida no último decêndio do mês, é necessário que os produtores estejam atentos aos ataques de gafa que possam vir a ocorrer.

É possível encontrar oliveiras com boa carga de frutos, prevendo-se que, em alguns locais, a produção se venha a equiparar à do ano anterior (ver figuras 80 e 81).



Figuras 80 e 81. Pormenor de oliveiras com boa carga de azeitona, 24.09.2024, Armamar
Fotos por: Suzana Fonseca



Figuras 82 e 83. Oliveira no início da fase de maturação
Fotos por: Paulo Guedes



Nalguns locais da Terra Quente a azeitona já está a mudar de cor (ver figura 83), pelo que não tardará a iniciar-se a apanha para produção de azeites com sabor “picante”.

10 Prados, pastagens e culturas forrageiras

10.1 *Entre Douro e Minho*

A precipitação permitiu a recuperação das espécies de outono-inverno que compõem as pastagens temporárias, permanentes e permanentes pobres, melhorando a qualidade do pastoreio animal.

Em relação ao milho forrageiro – sempre utilizado em corte único para ser ensilado – o destaque vai para o grande atraso no ciclo da cultura.

A ensilagem deve ser realizada quando o grão atinge o estado ceroso, de modo a obter uma silagem de elevado teor de matéria seca e grande qualidade. Por enquanto, a planta está no estado de grão leitoso ou ainda mais atrasada.

Após a sementeira (atrasada devido à precipitação que ocorreu até final de junho), as condições climáticas foram pouco favoráveis para esta cultura. Registaram-se temperaturas noturnas muito baixas, com muita humidade, e a polinização coincidiu com períodos de elevadas temperaturas diárias, originando searas em que o milho cresceu, mas a espiga ficou “fininha” (menos filas de grão).

Em termos gerais, estas condições originaram plantas de porte mais baixo e com uma maçaroca com peso inferior ao que seria de esperar.

No entanto, enquanto em 2023, já se tinham iniciado as operações de silagem por esta data, este ano os milhos estão longe do ponto ideal de colheita, apenas se realizando algumas colheitas, por força da necessidade de alimento para os animais.

Os agricultores estão apreensivos, podendo ter que antecipar a data de colheita, com receio que se dê a acama dos milhos, devido à chuva e aos ventos fortes.

A estimativa é de um aumento da produção do milho forragem (+5%), por comparação com o ano passado, enquanto se estima a diminuição na produção de sorgo forrageiro (-4%), relativamente ao ano transato.

Prevê-se um aumento na produção das pastagens permanentes melhoradas (+3%), quando comparada com valores do ano passado.

O aumento muito significativo do preço das rações industriais obrigou, desde à alguns anos a esta parte, os produtores pecuários a uma gestão mais rigorosa da alimentação animal, com recurso a outro tipo de alimentos, como a farinha de milho e o “pastone”, pelo que se mantém o mesmo contributo de forragens verdes, fenos e silagens nas explorações pecuárias.



Figura 84. Ovelhas em pastagens permanentes, Terras de Bouro, zona de observação do Cávado
Foto por: Laura Cruz

10.2 Trás-os-Montes

De forma geral, e um pouco por toda a região, as pastagens ainda possuem um pouco de matéria verde (ver figuras 85 e 86), que vai gradualmente desaparecendo, em resultado da camada superficial dos solos se encontrar seca (fraca precipitação e dias muito ventosos). Os criadores de ovinos e bovinos conseguem, para já, alimentar os seus animais sem recorrerem em exclusivo aos fardos e rolos em stock.

Neste momento, os pousios e restolhos começam a ser lavrados para serem semeados.



Figuras 85 e 86. Pastagens permanentes ainda com alguma matéria verde, Penas Roias - Mogadouro
Fotos por: Miguel Martins

As pastagens permanentes de regadio (lameiros) e os lameiros localizados em zonas de aluvião apresentam também alguma disponibilidade de vegetação herbácea para pastoreio (ver fotografias 87 a 89). Os solos ainda têm alguma humidade e os produtores recorrem a regas por agueiras ou por aspersão.

Por outro lado, os lameiros de sequeiro não têm disponibilidade de alimento que permita o pastoreio, uma vez que o efeito das temperaturas elevadas da estação de verão ainda é notório nas plantas (fotografias 90 e 91).



Figura 87. Pastagem permanente de sequeiro, setembro de 2024, Rabal – Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 88. Pastagem permanente de regadio, setembro de 2024, Cova de Lua – Bragança



Figura 89. Bovinos cruzados em pastoreio, Vinhais
Foto por: Anabela Coimbra



Figura 90. Pastagem permanente de sequeiro, setembro de 2023, Gimonde – Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 91. Pastagem permanente de sequeiro, setembro de 2024, Gimonde – Bragança
MESMA PARCELA

A precipitação ocorrida entre 20 e 22 foi sob a forma de trovoadas, pontual e muito intensa nalguns pontos, o que não traduz de imediato a infiltração no solo.

Esta campanha foi muito produtiva e neste momento os produtores pecuários estão confiantes. Usam as culturas forrageiras de primavera/verão tais como milho, sorgo e os lameiros que dispõem para pastoreio e complementam com os alimentos forrageiros grosseiros, para alimentar os diferentes efetivos.

As culturas de sorgo e milho forrageiro semeadas como culturas de primavera/verão estão neste momento em grande stress hídrico (ver fotografias 92 e 93).



Figura 92. Sorgo em regime de sequeiro, setembro de 2024, Cova de Lua - Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 93. Milho em regime de sequeiro, setembro de 2024, Espinhosela - Bragança

Com a chegada das primeiras chuvas e com a descida das temperaturas máxima e mínima, os produtores já vêm reunidas as condições para instalarem as culturas forrageiras de outono/inverno (nabo forrageiro e ferrãs), que neste momento ainda são pouco visíveis.

11 Tabelas com previsões das áreas semeadas, das produtividades e estimativas da produção

Quadro 1. Evolução da produção de cereais praganosos para grão, comparativamente ao ano anterior

Localização	Trigo		Triticale	
	%	Valor	%	Valor
Entre Douro e Minho	100	4		
Ribadouro	100	4		
Trás-os-Montes	111	3 594	95	537
A. Tâmega e Alvão P.	109	217	105	13
Barroso	105	38	105	1
Beira Douro e Távora	90	4		
Douro Superior	77	60		
Planalto Mirandês	121	2 373	96	376
Terra Fria	89	636	97	124
Terra Quente	106	267	72	21
Região Norte	111	3 598	95	537

Quadro 2. Evolução da produção de batata de regadio, relativamente ao ano anterior

Localização	Batata-Regadio	
	%	Ton.
Entre Douro e Minho	94	32 518
Ave	87	4 986
Basto	96	3 001
Cávado	100	3 956
Entre Douro e Vouga	86	1 815
Grande Porto	81	3 741
Ribadouro	100	6 231
Vale do Lima	98	2 563
Vale do Minho	100	1 630
Vale do Sousa	100	4 595
Trás-os-Montes	104	40 489
A. Tâmega e Alvão P.	101	13 075
Barroso	103	2 563
Beira Douro e Távora	102	5 487
Corgo e Marão	122	3 225
Douro Superior	102	4 134
Planalto Mirandês	100	1 148
Terra Fria	108	6 414
Terra Quente	102	4 443
Região Norte	99	73 006

Quadro 3. Evolução da produtividade (milho de regadio grão) e da produção (milho de sequeiro grão), relativamente ao ano anterior

Localização	Produt Milho-Regadio Grão		Prodç Milho-Sequeiro Grão	
	%	Ton.	%	Ton.
Entre Douro e Minho	102	6 697	98	4 579
Ave	106	6 198	105	625
Basto	101	6 438	101	105
Cávado	102	7 597	99	1 825
Entre Douro e Vouga	99	7 152	95	235
Grande Porto	104	9 773	95	375
Ribadouro	100	5 318	100	71
Vale do Lima	105	4 027	95	1 051
Vale do Minho	100	5 297	95	189
Vale do Sousa	100	8 160	100	103
Trás-os-Montes	104	3 341	106	2 052
A. Tâmega e Alvão P.	105	3 505	108	352
Barroso	105	3 588	106	604
Beira Douro e Távora	100	3 024	100	29
Corgo e Marão	96	2 738	99	38
Douro Superior	100	3 020	100	56
Planalto Mirandês	100	2 882	100	424
Terra Fria	115	3 343	108	463
Terra Quente	100	2 200	129	86
Região Norte	102	6 266	100	6 631

Quadro 4. Evolução da área retificada (milho de regadio grão), relativamente ao ano anterior

Localização	Milho-Regadio Grão	
	%	ha
Entre Douro e Minho	97	13 014
Ave	97	2 144
Basto	100	852
Cávado	100	3 419
Entre Douro e Vouga	94	662
Grande Porto	95	610
Ribadouro	100	1 394
Vale do Lima	94	1 496
Vale do Minho	95	588
Vale do Sousa	97	1 849
Trás-os-Montes	100	1 939
A. Tâmega e Alvão P.	99	958
Barroso	100	490
Beira Douro e Távora	100	77
Corgo e Marão	104	130
Douro Superior	100	62
Planalto Mirandês	100	44
Terra Fria	90	59
Terra Quente	100	120
Região Norte	98	14 953

Quadro 5. Evolução da produção de feijão e grão-de-bico, relativamente ao ano anterior

Localização	Feijão		Grão-de-Bico	
	%	Ton.	%	Ton.
Entre Douro e Minho	100	242	100	0
Ave	101	41	0	0
Basto	89	13	0	0
Cávado	100	58	0	0
Entre Douro e Vouga	110	26	0	0
Grande Porto	110	19	0	0
Ribadouro	95	19	0	0
Vale do Lima	95	31	100	0
Vale do Minho	105	8	0	0
Vale do Sousa	95	27	0	0
Trás-os-Montes	101	1 025	100	53
A. Tâmega e Alvão P.	100	112	105	2
Barroso	105	1	105	5
Beira Douro e Távora	100	10	100	4
Corgo e Marão	100	22	100	2
Douro Superior	100	75	100	8
Planalto Mirandês	100	200	100	14
Terra Fria	124	29	97	7
Terra Quente	101	575	100	11
Região Norte	101	1 267	100	54

Quadro 6. Evolução da produção de laranja maçã, pera e pêsego), relativamente ao ano anterior

Localização	Laranja		Maçã		Pera		Pêssego	
	%	Ton.	%	Ton.	%	Ton.	%	Ton.
Entre Douro e Minho	100	2 506	96	2 578	87	565	80	170
Ave	101	497	100	251	89	58	88	16
Basto	100	37	101	116	93	67	37	3
Cávado	100	906	95	944	90	109	85	49
Entre Douro e Vouga	99	103	100	142	80	56	95	18
Grande Porto	99	161	100	313	80	70	95	23
Ribadouro	100	425	100	313	85	99	35	7
Vale do Lima	100	248	82	277	90	59	85	46
Vale do Minho	100	68	90	64	90	18	80	7
Vale do Sousa	100	61	100	156	85	28	35	2
Trás-os-Montes	95	1 955	103	1 553	77	3 562	116	3 618
A. Tâmega e Alvão P.	100	9	108	2 239	110	279	110	239
Barroso	0	0	105	56	107	19	110	3
Beira Douro e Távora	100	165	99	124 586	62	2 098	100	129
Corgo e Marão	100	322	96	3 294	73	122	100	51
Douro Superior	93	1 389	140	21 495	157	630	110	1 856
Planalto Mirandês	100	16	100	1 271	100	77	100	18
Terra Fria	0	0	95	1 483	95	147	92	20
Terra Quente	100	54	113	927	123	189	134	1 302
Região Norte	98	4 461	103	1 579	78	4 127	114	3 788

Quadro 7 Evolução da produtividade (kiwi) e da produção (uva de mesa), relativamente ao ano anterior

Localização	Produtividade Kiwi		Produção Uva de Mesa	
	%	Kg/ha	%	Ton.
Entre Douro e Minho	85	12 950	90	59
Ave	93	9 700	0	0
Basto	93	11 297	90	2
Cávado	80	13 348	0	0
Entre Douro e Vouga	70	8 908	0	0
Grande Porto	74	15 842	0	0
Ribadouro	90	8 926	90	56
Vale do Lima	85	13 097	0	0
Vale do Minho	77	12 411	0	0
Vale do Sousa	90	17 476	90	1
Trás-os-Montes	100	4 060	104	233
A. Tâmega e Alvão P.	100	2 696	119	38
Beira Douro e Távora	100	5 520	100	46
Corgo e Marão	100	573	108	34
Douro Superior	0	0	102	38
Planalto Mirandês	0	0	100	43
Terra Fria	0	0	100	12
Terra Quente	101	6 150	100	22
Região Norte	85	12 925	101	292

Quadro 8. Evolução da produtividade da avelã, castanha e noz e produção da amêndoa, relativamente ao ano anterior

Localização	Produtividade						Produção Amêndoa	
	Avelã		Castanha		Noz		%	Ton.
	%	Kg/ha	%	Kg/ha	%	Kg/ha		
Entre Douro e Minho	92	169	86	627	98	840	90	8
Ave	86	345	87	338	100	795	0	0
Basto	100	61	91	261	100	337	0	0
Cávado	0	0	98	781	94	982	0	0
Entre Douro e Vouga	0	0	50	722	100	1 073	0	0
Grande Porto	0	0	50	630	100	770	0	0
Ribadouro	100	135	90	901	100	1 001	90	8
Vale do Lima	100	487	95	512	85	540	0	0
Vale do Minho	0	0	100	309	100	206	0	0
Vale do Sousa	100	50	90	507	100	1 033	0	0
Trás-os-Montes	127	275	137	555	105	621	100	16 317
A. Tâmega e Alvão P.	100	196	268	557	100	620	105	1 765
Barroso	100	173	100	438	100	734	110	1
Beira Douro e Távora	100	626	100	647	100	596	99	104
Corgo e Marão	100	89	100	462	100	572	105	280
Douro Superior	100	317	114	672	100	522	88	7 055
Planalto Mirandês	100	128	100	632	100	368	100	2 678
Terra Fria	187	485	118	552	111	871	102	368
Terra Quente	216	211	190	446	105	452	123	4 066
Região Norte	126	270	134	558	104	651	100	16 325

Quadro 8. Evolução da produtividade de azeitona de mesa e azeitona para azeite, relativamente ao ano anterior

Localização	Azeitona de mesa		Azeitona para azeite	
	%	Kg/ha	%	Kg/ha
Entre Douro e Minho			55	638
Ave			100	621
Basto			85	815
Cávado			54	629
Entre Douro e Vouga			10	129
Grande Porto			10	75
Ribadouro			50	587
Vale do Lima			56	835
Vale do Minho			27	653
Vale do Sousa			50	399
Trás-os-Montes	100	1 331	108	926
A. Tâmega e Alvão P.	100	644	109	1 074
Barroso	100	250	100	438
Beira Douro e Távora	100	1 341	100	1 069
Corgo e Marão	100	1 199	100	1 288
Douro Superior	100	1 519	106	933
Planalto Mirandês	100	850	100	801
Terra Fria	100	218	118	883
Terra Quente	125	967	112	880
Região Norte	100	1 330	107	923

Quadro 8. Evolução da produção da uva para vinho/vinho (mosto), relativamente ao ano anterior

Localização	Uva para Vinho / Vinho	
	%	hl
Entre Douro e Minho	94	873 788
Ave	87	79 546
Basto	92	80 606
Cávado	102	72 243
Entre Douro e Vouga	62	4 057
Grande Porto	80	22 124
Ribadouro	90	125 336
Vale do Lima	100	100 888
Vale do Minho	117	111 101
Vale do Sousa	90	277 888
Trás-os-Montes	105	1 610 185
A. Tâmega e Alvão P.	102	54 288
Barroso	105	1 973
Beira Douro e Távora	103	341 286
Corgo e Marão	108	672 926
Douro Superior	105	458 900
Planalto Mirandês	100	55 252
Terra Fria	95	12 813
Terra Quente	100	12 748
Região Norte	101	2 483 973